

O PAPEL DAS ESCOLAS E DOS PROFISSIONAIS QUE NELA TRABALHAM NO FAVORECIMENTO DA CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS DE RESILIÊNCIA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 2 E MÉDIO DA REDE PÚBLICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO.

Maria Aparecida Alves da Silva¹; Ana Lúcia Leal²

¹Estudante do Curso de Licenciatura em Matemática – CAA - UFPE; E-mail: cidalves20@hotmail.com,

²Docente/pesquisadora do Núcleo de Formação Docente – CAA - UFPE.

E-mail:analealchaves@yahoo.com.br

Sumário: Este trabalho teve a finalidade de pesquisar o papel da escola e dos profissionais no favorecimento dos processos de resiliência de alunos do Ensino Fundamental 2 e Médio. Para este fim, utilizamos apenas questionário. Nossos objetivos foram investigar a percepção dos profissionais em relação a como o ambiente escolar pode fortalecer a resiliência dos alunos adolescentes, conhecer a percepção dos mesmos sobre o ambiente escolar e relações interpessoais em seu interior, além de realizar uma análise comparativa dos dados obtidos. As três esferas pesquisadas consideraram ser necessário posturas mais humanas para o fortalecimento do relacionamento interpessoal, pois enriquecem os laços afetivos e fortificam valores e princípios, como a confiança e o respeito, sem descartarem a importância do aperfeiçoamento da técnica. Assim como ocorreu com os professores, 70% de ambas as equipes pedagógicas entenderam que podem interferir no grau de resiliência de seus alunos. Mais da metade dos alunos (61,2%) considerou sentir-se bem “sempre” ou “quase sempre” no ambiente escolar, mas só uma parcela muito pequena (31,3%) acreditou poder contar “quase sempre” ou “sempre” com os profissionais da escola! Infelizmente não encontramos, na percepção da maioria dos alunos, um sentimento de confiança, segurança, carinho e de acolhimento por parte dos profissionais que trabalham nas escolas, apesar destes terem destacado a importância disto ocorrer, de terem citado várias estratégias para viabilizá-lo e de terem uma visão diferente, muito mais otimista por sinal, de como as relações interpessoais em seus espaços vêm se construindo.

Palavras-chave: educação; formação humana; resiliência;

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como problemática e questão norteadora investigar “O papel das escolas e dos profissionais que nela trabalham no favorecimento da construção de processos de resiliência de adolescentes, sob o ponto de vista dos próprios alunos e dos profissionais”. Ele foi parte de um estudo mais amplo da nossa orientadora, intitulado “Resiliência e Formação Humana em Professores: em Busca da Integralidade”.

Para Poletti e Dobbs (2007) há mais de quarenta anos a Psicologia tem se interrogado sobre o fato de que certas pessoas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam aprisionadas na infelicidade e na angústia, presos nas teias da tristeza que se abatem sobre elas. A capacidade das pessoas manterem-se íntegras e conseguirem superar as adversidades do caminho se chama resiliência (ANTUNES, 2007; COSTA, 1995; CYRULNIK, 2004; POLETTI, DOBBS, 2007; TISSERON, 2007).

No contexto escolar, percebe-se que o adolescente tem condições para realizar uma avaliação sobre si mesmo e sobre o mundo que está inserido, conseguindo refletir, analisar e tirar suas próprias conclusões. Por isso, é uma rica etapa para fortalecer o

desenvolvimento e acentuar habilidades psicológicas. As relações de amizade e confiança entre educador e educando, quando preservadas, podem ser de grande valia para o desenvolvimento do aluno. Para Vargas (2009), o processo de educação e motivação dos adolescentes se liga diretamente à confiança atribuída ao mestre. Estudar as relações entre adolescência, educação e o conceito de resiliência, portanto, mostra-se atual e pertinente.

MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente realizamos um levantamento bibliográfico a respeito da temática central da pesquisa, sendo ela resiliência, depois adentramos para sua relação com a educação. Posteriormente nos aproximamos das Instituições (levando-se em conta a nossa facilidade de acesso), a fim de se obter escolas parceiras que pudessem viabilizar a realização do Projeto. Após selecionarmos duas escolas (chamadas de X e Y) foi colocado para os seus diretores o objetivo do Projeto, as etapas que seriam realizadas, ressaltando a sua contribuição para uma formação mais humana dos profissionais envolvidos, sobretudo, dos seus professores.

No Ensino Fundamental aplicamos os questionários em todas as turmas a partir do 7º ano, sendo quatro turmas no 7º ano, todas as turmas do 8º ano duas turmas, e na única turma do 9º ano. A escolha destas turmas se deveu ao fato de considerarmos serem as turmas mais maduras do ensino fundamental 2 e, através de suas respostas, poderem contribuir mais efetivamente com a temática desta pesquisa.

Já no Ensino Médio, aplicamos o questionário nas turmas dos três anos, tendo sido, especificamente, aplicado nas primeiras e últimas de cada ano, num total de seis turmas. Muitas vezes se considera que as primeiras turmas são constituídas, predominantemente, dos “melhores alunos”, dos “mais estudiosos”, enquanto que as últimas turmas parecem ser formadas por alunos que não se envolvem fortemente com a aprendizagem. A escolha deste público-alvo, apesar de não compor, na presente pesquisa, nosso objeto de estudo e de interesse, poderá, através da análise desses dados, favorecer a elaboração de um futuro artigo científico.

Embora, o quantitativo de professores em ambas as escolas seja de 56 (cinquenta e seis), na presente pesquisa participaram apenas 25 (vinte e cinco), sendo 10 (dez) do Ensino Fundamental e 15 (quinze) do Médio. Eles aludiram não estar disponíveis para participar da pesquisa devido à sobrecarga de atividades para serem executadas, tais como: preenchimento de cadernetas e elaboração de provas e por estarem vivenciando, na ocasião, o fim de bimestre.

RESULTADOS

Diante das análises, podemos considerar que as três esferas pesquisadas, consideraram ser necessário posturas mais humanas para o fortalecimento do relacionamento interpessoal, pois estimula a formação de laços afetivos e de valores e princípios, tais como: a confiança e o respeito, sem descartar o aparato técnico, para não incorrerem no reducionismo.

Infelizmente não encontramos em nossa pesquisa, na percepção da maioria dos alunos, um sentimento de confiança, segurança, carinho e de acolhimento por parte dos profissionais que trabalham nas escolas, apesar destes terem destacado a importância disto ocorrer, de terem citado várias estratégias para viabilizá-lo e de terem uma visão diferente, muito mais otimista por sinal, de como as relações interpessoais em seus espaços vêm se construindo.

DISCUSSÃO

As respostas dos *professores* do nível fundamental e médio, de um modo geral, versaram sobre aspectos de ordem mais técnica e humana. Sobre os aspectos mais técnicos

houve referências a proporcionar um ambiente escolar mais rico e estimulante; a incentivar os jovens a desenvolverem projetos que priorizem o seu desenvolvimento intelectual e social.

Além disso, foram mencionados aspectos ligados à formação humana dos alunos, tais como: mostrar a realidade da vida e as possibilidades de melhoras que ela dispõe; destacar a importância de ensinar a respeitar o próximo, contribuindo com uma formação cidadã, destacando as noções de seus direitos e deveres; buscar realizar uma pedagogia “afetiva”, materializada em elogios e diálogos, ouvindo seus anseios e dificuldades, “acordando-o”.

A *equipe pedagógica* de ambas as escolas considerou, de modo geral, que podem contribuir no processo de crescimento do aluno a partir do momento que: ajudarem a desenvolver a criticidade, a autonomia, a cidadania e o respeito pela diversidade. Assim como os professores, consideraram importante conscientizá-los sobre a importância da educação para o desenvolvimento social, os envolvendo em projetos em que sejam sujeitos de sua própria formação, incentivando-os a acreditar que são vencedores. Em um percentual maior que de professores, 80% da equipe pedagógica afirmaram que os alunos sempre podem contar com eles e 90% disse que os alunos quase sempre ou sempre, devem se sentir seguros no espaço acadêmico. Assim como ocorreu com os professores, 70% da equipe pedagógica de ambas as escolas entenderam que podem interferir no grau de resiliência de seus alunos.

Mais da metade dos alunos (61,2%) considerou sentir-se bem “sempre” ou “quase sempre” no ambiente escolar, mas só uma parcela muito pequena (31,3%) acreditou poder contar “quase sempre” ou “sempre” com os profissionais da escola! Esse último resultado é dissonante com os expostos há pouco, aludidos pelos professores e equipe pedagógica. Talvez este resultado se justifique pelo fato de um pouco mais de 50% dos alunos (50,6%) não conseguem confiar sempre nos professores. E apenas 28% se sentem “sempre” ou “quase sempre” seguros na escola (mais uma dissonância em relação às respostas fornecidas pelos profissionais). Sobre serem tratados com carinho e respeito, menos da metade dos alunos (46%) mencionaram que isto ocorria “quase sempre” ou “sempre”.

CONCLUSÕES

Talvez falte disponibilidade sincera para escutar o que nem sempre é dito, para enxergar o que nem sempre aparece e para, humildemente, entender que estamos e estaremos sempre nos metamorfoseando, nos adaptando em prol da melhoria da qualidade de vida da coletividade. No caso em particular, entendemos que o diálogo franco entre os pares se faz essencial, mas isso só poderá ocorrer em um ambiente de confiança.

Neste sentido, é possível que haja uma distância razoável entre a teoria e a prática, mas como toda grande caminhada se inicia com um primeiro e decisivo passo, esperamos que estas instituições repensem a cultura da escola como o todo, pois quando trabalhamos em harmonia e pensando na formação humana do SER, o resultado é muito mais consistente e permite suportar e superar as adversidades advindas do meio escolar e da vida como um todo, fortalecendo a resiliência de alunos, que tanto ensinam.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as escolas que permitiram a realização do nosso projeto de pesquisa e aos participantes que contribuíram para que a realização da mesma fosse possível, assim como ao setor de iniciação científica da Universidade Federal de Pernambuco pela oportunidade de estarmos engajados em projetos de tal importância para nossa formação.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. *Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, G. Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 14 Feb. 2009.
- BRONFENBRENNER, U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COSTA, A. C. G. *Resiliência. Pedagogia da presença*. São Paulo: Modus Faciend, 1995.
- CYRULNIK, B. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. de S.; MOREIRA, C.O.F. *Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos*. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.18, n. 69, p.761-774, out./dez. 2010.
- GRÜSPUN, H. *Conceitos sobre resiliência*. Disponível em: <Http://WWW.cfm.org.br/revista/bio10v1/seccao4.1.htm>. Acesso em: 20 de Abril de 2010.
- HENDERSON, N.; MILSTEIN, M.M. *Cómo fortalecer la resiliencia en las escuelas*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- POLETTI, R.; DOBBS, B. *A resiliência: A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SUDBRACK, M. F. O.; DALBOSCO, C. Escola como contexto de proteção: refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas. Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente: maio, 2005. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200082&script=sci_arttext. Acesso em 10 de outubro de 2008.
- TAVARES, J. *Encorajamento e resiliência dos professores e educadores*. Fortaleza, 2007. Palestra. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73712003000300010. Acesso em: 20 jul.2008.
- TISSERON, S. *La résilience. Que sais-je?* Dépôt legal. Paris: Press Universitaires de France, 2007.
- VARGAS, C.P. *O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola*. Revista Espaço Acadêmico – Mensal – nº 101 – Outubro de 2009.
- YUNES, M.A.M. *Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família*. In: PSICOLOGIA EM ESTUDO, Maringá, v.8, nº especial, p. 75-84, 2003.